

A desigualdade na aplicação das vacinas e a disseminação de fake news estão entre os fatores que levaram a milhões de mortes por covid-19, avalia grupo internacional de especialistas. A comissão estima quase o triplo de óbitos que o número oficial

As falhas mortais na pandemia

2 ANOS
COVID-19

O último balanço sobre as mortes em decorrência da covid-19 indica 1.315 óbitos. Um número bem menor do que os registrados quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou que entrávamos em uma pandemia — em março de 2020, em média, 12 mil pessoas perdiam a vida diariamente devido à infecção pelo novo coronavírus. Esse novo patamar da crise sanitária tem levado especialistas a avaliarem as lições e os novos desafios frente ao Sars-CoV-2.

Segundo a agência das Nações Unidas, o mundo “nunca esteve tão perto de acabar com a pandemia”. Por isso, a necessidade de juntar esforços para “vencer” a empreitada (**Leia mais nesta página**). Também ontem, uma comissão de especialistas da renomada revista *The Lancet* divulgou uma avaliação extensa dos dois anos de crise sanitária. Para o grupo, “falhas generalizadas” de enfrentamento à covid levaram a milhões de mortes evitáveis — os autores estimam um total de 17,7 milhões de óbitos, incluindo os não oficiais. A OMS registra 6,49 milhões.

“O impressionante número de vítimas humanas nos primeiros dois anos da pandemia de covid-19 é uma profunda tragédia e um enorme fracasso social em vários níveis”, avalia, em nota, Jeffrey Sachs, presidente da comissão e professor da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. O também presidente da Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável enfatiza a necessidade de enfrentarmos “duras verdades” relacionadas à forma como lidamos com a pandemia. “Muitos governos falharam em aderir às normas básicas de racionalidade institucional e transparência; muitas pessoas

protestaram contra precauções básicas de saúde pública, muitas vezes influenciadas por desinformação; e muitas nações falharam em promover a colaboração global para controlar a pandemia”, lista.

Um dos fenômenos enfatizado pelo grupo é a desigualdade no enfrentamento à covid-19, prejudicando consideravelmente os grupos mais vulneráveis. A atual situação da cobertura vacinal ilustra bem o cenário, segundo Maria Fernanda Espinosa, ex-presidente da Assembleia Geral da ONU e coautora da comissão. “Mais de um ano e meio desde que a primeira vacina foi administrada, a equidade global da vacina não foi alcançada. Nos países de alta renda, três em cada quatro pessoas foram totalmente vacinadas, mas nos países de baixa renda, apenas uma em cada sete”, detalha.

Também integrante do grupo, Salim S. Abdool Karim, da Universidade de Columbia, nos EUA, lembra que essas diferenças regionais dificultam os avanços rumo ao fim da crise sanitária. “Quanto mais rápido o mundo puder agir para vacinar todos e fornecer apoio social e econômico, melhores serão as perspectivas de sair da emergência pandêmica e alcançar uma recuperação econômica duradoura”, diz.

Os especialistas defendem o compartilhamento de patentes e tecnologias como uma das medidas necessárias para se chegar a esse patamar. “Todos os países permanecem cada vez mais vulneráveis a novos surtos de covid-19 e futuras pandemias se não compartilharmos patentes e tecnologia de vacinas com fabricantes de vacinas em países menos ricos e fortalecemos iniciativas multilaterais que visam aumentar a equidade global de vacinas”, justifica Espinosa.

O relatório também constata que a maioria dos governos nacionais estava despreparada e deu uma resposta “muito lenta” à disseminação do vírus. Segundo a comissão, na Europa e nas Américas, sistemas de saúde pública desarticulados e resposta de políticas públicas de baixa qualidade resultaram em mortes cumulativas em torno de 4 mil mortes por

Elijah Nouvelage



Protesto contra máscaras e vacinas nos EUA: reações contrárias a medidas preventivas contribuíram para disseminar o vírus, mostra relatório

1 milhão, a mais alta de todas as regiões da OMS. Preparada pela experiência anterior com a epidemia de Sars de 2002, a região do Pacífico Ocidental, incluindo o Leste Asiático e a Oceania, adotou estratégias de supressão relativamente bem-sucedidas, resultando em mortes cumulativas por milhão em torno de 300.

Críticas à ONU

Os autores também avaliaram como a agência das Nações Unidas atuou no cenário pandêmico. Uma das críticas é de que houve atraso por parte da OMS para declarar a ocorrência de uma “emergência de saúde pública de interesse internacional” e para reconhecer a transmissão aérea do Sars-CoV-2. Essas falhas, avaliam os especialistas, concidiram com erros de governos nacionais em cooperar



A equidade global da vacina não foi alcançada. Nos países de alta renda, três em cada quatro pessoas foram totalmente vacinadas, mas nos países de baixa renda, apenas uma em cada sete”

Maria Fernanda Espinosa, ex-presidente da Assembleia Geral da ONU e integrante da comissão de especialistas

e coordenar protocolos de viagem, estratégias de teste, cadeias de suprimentos de commodities, relatórios de dados sistemas e outras políticas internacionais vitais para suprimir a pandemia.

Os especialistas recomendam a expansão do Conselho Científico da OMS para aplicar

fortalecimento dos sistemas nacionais de saúde, com ações como melhora nos sistemas de vigilância e de monitoramento.

Um editorial publicado na mesma edição da *The Lancet* afirma que “como a comissão demonstra, reavaliar e fortalecer as instituições globais e o multilateralismo não apenas beneficiará a resposta à covid-19 e futuras doenças infecciosas, mas também a qualquer crise que tenha ramificações globais”. O texto enfatiza ainda que o trabalho desempenhado pelos especialistas “oferece outra oportunidade para insistir que os fracassos e as lições dos últimos três anos não são desperdiçados, mas são usados construtivamente para construir sistemas de saúde mais resilientes e sistemas políticos mais fortes que apoiem a saúde e o bem-estar das pessoas e do planeta durante o século 21.”

OMS: mundo “perto do fim da crise sanitária”

O atual momento da crise sanitária é considerado, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), “a melhor posição para acabar com a pandemia”. Na semana passada, o número de mortes semanais por covid-19 caiu para seu nível mais baixo desde março de 2020 (...). Ainda não terminou, mas o final está ao alcance das mãos”, afirmou Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da agência.

A maior autoridade da OMS, recorrendo à metáfora de uma competição esportiva, defendeu que a situação atual demanda uma concentração de esforços para se conquistar o objetivo. “Alguém que corre uma maratona não para quando vê a linha de chegada. Corre mais depressa, com toda a energia que restar. E nós, também”, ilustrou. “Todos podemos ver a linha de chegada, estamos prestes a vencer. Seria realmente a pior hora para deixar de correr”, insistiu.

Na avaliação de Ghebreyesus,

28%
É a queda no número de infectados pelo coronavírus considerando o período de 5 a 11 de setembro e a semana anterior

deixar de aproveitar este momento promissor aumenta o risco de surgimento de mais variantes do Sars-CoV-2, resultando no aumento do número de mortes e em “mais problemas e incertezas”. De acordo com o último boletim epidemiológico da OMS, o número de casos caiu 28% no período de 5 a 11 de setembro, em relação à semana anterior. As mortes diminuíram 22%.

A agência admite, porém, que esses números podem estar subestimados. Segundo o órgão, o número de infecções é,

sem dúvida, muito maior devido aos casos leves não declarados e também porque muitos países desmobilizaram as estruturas para realizar testes.

O cenário também se repete quanto o número de mortes, conforme também indica o grupo de especialistas no artigo divulgado na última edição da revista *The Lancet*. Um estudo da OMS, realizado com base em projeções e avaliações publicadas em maio, sugere que poderia haver entre 13 e 17 milhões de mortes por covid a mais do que as registradas de forma oficial até o fim de 2021.

Recomendações

Também ontem, a agência lançou seis publicações com as principais ações recomendadas aos países para o fim da pandemia. “É um resumo, com base nas evidências e na experiência dos últimos 32 meses, do que funciona melhor para

salvar vidas, proteger os sistemas de saúde e evitar perturbações sociais e econômicas. Esses resumos de políticas são um apelo urgente para que os governos analisem suas políticas e as fortaleçam para a covid-19 e futuros patógenos com potencial pandêmico”, disse o diretor-geral.

Adhanom também enfatizou a importância de os sistemas de saúde estarem aptos para oferecer os cuidados adequados aos infectados, incluindo os serviços de atenção primária à saúde. “Planejem-se para os surtos de casos e certifiquem-se de ter os suprimentos, equipamentos e profissionais de saúde necessários. Mantenham as precauções de prevenção e controle de infecções para proteger os profissionais de saúde e pacientes não covid nas unidades de saúde”, indicou.

Entre as mensagens repetidas pela OMS após dois anos de crise sanitária e com a chegada dos imunizantes, estão vacinar

Ludovic MARIN / POOL / AFP



Tedros Ghebreyesus: “Seria realmente a pior hora para deixar de correr”

100% das pessoas vulneráveis e profissionais da saúde, continuar testando a população e manter

programas que permitam rastrear novas variantes potencialmente perigosas.